

O desvalimento do povo cambojano a partir de uma experiência emocional e sua relação com a psicossomática

Gildo Katz¹

Resumo: A partir de uma experiência com um guia cambojano, examino, à luz da teoria do desvalimento, o efeito do genocídio ocorrido naquele país com a ascensão de um líder despótico. Sustento que a perda da subjetividade do povo cambojano acarretou, além do assassinato em massa, graves efeitos emocionais e corporais não só nos indivíduos em particular, mas no povo em geral. Finalizo, como corroboração desses fatos, o efeito positivo do vínculo empático que se estabeleceu entre o guia e o autor.

Palavras chave: Desvalimento. Genocídio. Psicanálise. Psicossomática.

Introdução

A teoria do desvalimento desenvolvida por Maldavsky e colaboradores (1992, 1995, 1996, 1998), a partir dos trabalhos de Freud (1894/1996a, 1895/1996b, 1895/1996c, 1896/1996d, 1896/1996e, 1950/1996f) e de Liberman (1982a, 1982b), trouxe uma valiosa contribuição para o entendimento de inúmeras patologias que acometem os indivíduos, os casais e a família, em especial, as de

¹ Membro Fundador, Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

natureza psicossomática. Acredito que a teoria do desvalimento também poderia ser utilizada para compreender alguns aspectos da patologia dos povos, conforme pretendo descrever nesta exposição.

Segundo Maldavsky, nas patologias do desvalimento predominam as fixações no erotismo intrassomático, que são originadas por falhas na organização do Ego Real Primitivo resultante da má relação com a mãe ou seu representante, faltando ao indivíduo algo que é essencial para a constituição de sua subjetividade.

A subjetividade é uma atitude ativa que, quando fracassa, torna o sujeito objeto do outro, o que leva a uma patologia mental grave, cujo resultado é um deixar-se morrer por um esvaziamento libidinal, ou ainda, um apego desconectado como substituição de uma percepção que capta elementos diferenciais e qualitativos com repercussões no corpo. No início, o ego é passivo e a pulsão é ativa. A pulsão é sujeito e o ego é objeto. Quando o ego é passivo, a pulsão deve ser satisfeita e o sujeito torna-se objeto da pulsão.

Assim, na passagem do mecanismo de alteração interna ao de ação específica, a falha materna acarreta uma inundação pulsional do aparelho mental, intoxicando-o física e mentalmente. A impossibilidade de processar a libido produz uma estase pulsional duradoura, um distúrbio da economia pulsional, que compromete o nível da autoconservação, afetando os órgãos internos (Maldavsky, 2000).

Para a sequência do trabalho, convém ressaltar a importância da falta de um contexto empático adequado. Essa ausência ocasiona uma falha na organização do Ego Real Primitivo e favorece a formação de uma mente frágil, suscetível a violências físicas e ao abuso por parte de figuras poderosas e sádicas (O déspota louco, Maldavsky, 1995).

A motivação para escrever este artigo partiu de uma recente viagem ao Camboja, onde tive a oportunidade de conviver com um guia turístico que me trouxe uma forte experiência emocional. O que me impactou, sobremaneira, foi o fato de que o genocídio ocorrido naquele país teve uma característica única entre as atrocidades cometidas ao longo da história. Em geral, o genocídio ocorre contra um inimigo externo, contra minorias étnicas, contra homossexuais e contra dissidentes políticos. Os líderes de Phnom Penh inventaram algo original. Depois de Auschwitz e do Gulag, o mundo assistiu à última palavra em termos de horror: o suicídio (autogenocídio) de um povo em nome de uma revolução tida como socialista, e que ilustra o que se passa na mente e no corpo de um desvalido.

O Khmer Vermelho

Em 17 de abril de 1975, o Khmer Vermelho fez os relógios cambojanos

voltarem ao “ano zero”. Depois de quatro anos de guerra civil, os revolucionários comunistas radicais entraram triunfantes na capital Phnom Penh após derrotar o governo de Lon Nol.

Ainda na esperança de uma transição pacífica, o governo derrotado acolheu os rebeldes ordenando que fossem colocadas bandeiras brancas em todos os prédios da cidade. Não obstante, o Khmer não viera para conversar, e sim para conquistar.

Envergando seu característico uniforme preto, lenço xadrez vermelho e branco no pescoço e sandálias feitas de tiras de pneus velhos, entraram marchando na cidade. Reuniram bens materiais como televisores, refrigeradores e carros, e os empilharam no meio da rua para queimá-los numa pira gigantesca. Influenciada por Mao Tsé-Tung, a liderança do KV, formada por intelectuais educados em Paris, recrutara para seu exército aqueles que, a seu ver, eram pobres e de mente vazia, sem instrução: “uma folha de papel em branco não traz nenhum fardo”, dissera Mao (Kiernan, 2002).

Ao chegarem, a única incumbência dos oficiais do KV era executar as ordens de seus superiores: toda a população deveria abandonar a capital imediatamente. Nos poucos dias que se seguiram, mais de dois milhões de pessoas foram tangidas para as estradas, caminhando, pois os meios de locomoção haviam sido destruídos. Em meio à caminhada, cadáveres iam se espalhando e a população assistia passivamente a hospitais sendo fechados e doentes morrendo por falta de assistência. Bebês berravam por suas mães, pais e maridos encolhiam-se diante das armas enquanto eram separados de suas mulheres e filhos. Ao mesmo tempo, todas as escolas haviam sido esvaziadas, a moeda abolida, o banco central explodido e as comunicações com o mundo exterior cortadas. Embora os sintomas da evacuação de Phnom Penh apresentassem uma semelhança superficial com uma “limpeza étnica”, na realidade, o KV não fazia discriminação étnica. As pessoas eram deportadas dos seus lares ancestrais, as aldeias deveriam ser incendiadas para que as pessoas não tivessem para onde voltar. Enquanto isso, eram criadas comunidades de acordo com os novos padrões imposto pelo KV (Power, 2004).

Nos três anos e meio que se seguiram, o KV fez do Camboja um buraco negro, no qual estrangeiros não poderiam penetrar e onde cerca de 2,5 milhões de cambojanos, um terço da população, não sobreviveu, devido à fome, a doenças ou a execuções nos centros de tortura, como o de Choeung Ek ou S21, na maioria das vezes por motivos torpes, como esconder uma batata para se alimentar (Kiernan, 2002).

Sob a liderança de Saloth Sar, que depois adotou o pseudônimo de **Pol Pot**, passaram a tramar a revolução na zona rural cambojana, à medida que foram

conquistando parte da população por suas premissas igualitárias. Atuando nos bastidores em total isolamento, planejavam outra revolução encoberta pelo príncipe Norodom Sihanouk: o arrasamento das mentes individuais, as quais seriam transformadas nas folhas em branco descritas por Mao, para receberem a nova filosofia Khmer. Esse príncipe era um bom *vivant*, *gourmet*, corrupto, porém querido pela população por ser considerado o pai da independência do Camboja e uma espécie de Rei Deus, conforme a tradição do antigo reino de Angkor, apogeu do país (Power, 2004).

Após estabelecer o regime mais reservado do século XX, fechando literalmente o país, ao colocar minas ao longo de toda a fronteira e dizimar grande parte da sua população, Pol Pot emergiu formalmente como o líder em setembro de 1977, quando o país apresentava, além das condições descritas, outras particularidades, tais como:

- A parca alimentação proporcionada pelo KV: uma porção diária de arroz que cabia na palma da mão; aqueles que reclamavam eram invariavelmente mortos.

- O trabalho escravo: sete dias por semana com quatro horas de sono.

- A execução sumária daqueles que tivessem instrução (só era permitido estudar até a 6ª série): bastava o indivíduo usar óculos para ser considerado instruído e punido com a morte; só podiam aprender o que estava nas cartilhas do KV.

- A proibição em recordar: lembranças do passado e noção de família eram vetadas; crianças eram educadas para evitar o sentimento a qualquer custo.

- Falta de prazer: não podiam flertar, amar e se divertir: só o Angka podia autorizar relações sexuais para procriar a nova raça de camponeses que surgiria a partir do “ano zero”.

- Impossibilidade de escolher: os casais para matrimônio eram anunciados em massa nas assembleias comunitárias.

- A mecanização da mente: não podiam pensar. Pessoas deveriam responder sem refletir, não poderiam gritar quando torturadas e deveriam ficar sentadas, aguardando ordens que obedeciam sem questionar (Power, 2004).

O mais est arrecedor, por sua abrangência, era o fato de que o KV estava exterminando não apenas os intelectuais ou supostos dissidentes. Em sua paranoia sobre a lealdade, também eram atingidos os próprios partidários. Dada a miséria na qual os cambojanos estavam vivendo, isso abrangia quase toda a população. Não confiavam em ninguém. Pol Pot tinha um lema: manter você vivo não é um ganho, matar você não é uma perda. O indivíduo era irrelevante.

Não é difícil imaginar o estado de desvalimento que se abatia sobre a população. Apesar disso, ou em função disso, se, de um lado os cidadãos viviam em um estado de terror diário do *chap teuv*, uma versão oriental dos desaparecidos, do

outro, idealizava a figura despótica do líder, deixando-se docilmente morrer.

O apego ao déspota indicava a vigência da pulsão de morte, da compulsão à repetição de traumas, que conduz ao desenvolvimento e à perpetuação de certos traços de caráter presentes na população do Camboja, e que Maldavsky (1996) definiu como viscoso, cínico e abúlico. O traço cínico aponta para a dissolução de todo o projeto vital genuíno, próprio ou alheio. O traço viscoso corresponde à fixação àquele déspota imprevisível, que somente aspira à supressão de um determinado indivíduo e seu grupo, enquanto o traço abúlico seria a expressão de um estado inercial, consequência dos dois primeiros (Maldavsky, 1996, p. 32).

Em janeiro de 1979, o Vietnã invadiu o Camboja para se defender dos ataques do KV no delta do Mekong, e obrigou Pol Pot a fugir para o interior da selva no norte do país e para a Tailândia.

Após a invasão, os vietnamitas encontraram provas de assassinatos em massa por toda a parte. Nos assim chamados “campos de morte”, crânios e ossos emergiam da terra. O país era uma sepultura coletiva, especialmente na área de Choeung Ek, a 15 km a noroeste da capital (Kiernan, 2002).

Parece incrível que o povo cambojano se mantivesse relutante entre a possibilidade de se libertar do inferno e a tendência em apoiar o antigo regime em uma clara desmentida da realidade (“não foi tudo isso que dizem”), somada a uma desestimação do afeto (“já passou, perdamos”). A prova dessa ambivalência, que persiste até hoje, foi o fato de o KV ocupar, até 1992, um lugar na assembleia da ONU e de ser necessário muitos anos para que Pol Pot entrasse na galeria dos tiranos maníacos.

Ben Kiernan (2002), um dos maiores estudiosos do assunto, referindo-se à passividade e à relutância em aceitar a liberdade por parte dos cambojanos, salientou que esta não se devia à alguma tradição oriental desconhecida pelo ocidente, mas à falta de figuras fortes, verdadeiras ou amadas, como Ho Chi Minh do Vietnã, para que pudessem reagir à violência e às mentiras desse “louco”.

O guia cambojano

O que primeiro me chamou a atenção em Norum, meu guia cambojano, foi o seu boné militar, que depois tomei conhecimento ser uma réplica do que usavam os soldados do KV. Outros aspectos relevantes foram sua apatia, sua dificuldade em se comunicar, seus tiques e o conhecimento mecânico sobre o que iria mostrar. Aliás, suas informações eram minimalistas e, em geral, fornecidas depois de ser questionado sobre um tema, tal como se obedecesse a uma ordem militar. Da mesma forma, limitava-se a seguir o itinerário proposto por mim.

Nessa ocasião, eu pouco conhecia sobre o KV, mas não pude deixar de pensar que as atitudes do guia poderiam estar reproduzindo tanto o que teria sido a sua vida, como o que tinha se passado com seu povo. Como nossa combinação fora de três dias, fiquei apreensivo com a jornada, pois o que eu esperaria dele, provavelmente, encontraria nas cinco páginas que tinha lido no *Lonely Planet* e haveria o risco de uma intoxicação de horror e apatia. O receio se dissipou quando ele quebrou o silêncio ao me perguntar sobre as causas e o tratamento de uma criança de um mês de vida que estava com diarreia. Foi, portanto, através de uma manifestação somática, que talvez lembrasse seu filho ou ele mesmo, que começamos a estabelecer contato emocional.

Limitei-me a responder as possíveis causas e aventar as possibilidades de tratamento. A partir daí, começamos um diálogo que me possibilitou conhecer sua história passada, sua família e muito do que ocorrera no Camboja.

Norum tem 48 anos e é filho de um policial violento e alcoolista que foi morto pelo KV quando o guia contava quase 10 anos. Sua mãe era analfabeta, distante, com dificuldades de cuidar dos seis filhos. Sua avó aconselhou que a mãe, quando ficou viúva, não fizesse nada, que o destino faria por si, conforme a cultura local. Entretanto, ela passou a fazer bolos para vender, podendo, assim, sustentar os filhos.

Estudou até a 2ª série, quando irrompeu a revolta do KV. Passou a trabalhar exaustivamente no campo, entregando toda a produção para o exército, e sobrevivia com o que a mãe vendia no mercado negro, com todo o risco que isso implicava. Mas era assim, ou a morte por inanição. O estado da família era extremamente precário; três irmãos morreram de fome e de doenças contraídas no trabalho; suas irmãs foram estupradas pelos rebeldes. Ele também padeceu de diversas afecções somáticas de cunho gástrico, que persistem até hoje. Relatou que a família pouco se comunicava; viviam paralisados pelo terror.

Quando terminou a guerra, foi trabalhar como faxineiro em um banco, onde era maltratado moral e fisicamente por um chefe violento que o deixava por semanas preso em uma sala com pouca alimentação. A libertação do cativo ocorreu quando a instituição encerrou as atividades por problemas políticos com o novo governo. Nunca reagiu à situação, pois não possuía na memória a capacidade de se revoltar. Durante os períodos em que permanecia encerrado, desenvolveu a capacidade de efetuar contas, única forma de não enlouquecer, como assinalou, e que lhe valeu a oportunidade de conviver com um dinamarquês, que teve uma grande importância em sua vida. O novo amigo lhe dizia que, ao invés de fazer como os outros e esperar que uma entidade divina os auxiliasse, deveria encarar a realidade, algo muito custoso para ele. Mas algo aprendeu, voltou a estudar e se tornou guia, profissão que lhe possibilita o sustento.

O dinamarquês, três anos depois, foi assassinado pela guerrilha Khmer, e o episódio coincidiu com o seu casamento com a filha de um engenheiro que “milagrosamente” fora salvo do extermínio. Não foi difícil compreender que esse homem era um dos integrantes do KV.

Norum vivia com a esposa e cinco filhos nos fundos da casa do sogro que, embora tivesse posses, não ajudava a família, exigindo um pesado aluguel. Além disso, o sogro os maltratava e humilhava sem que reagissem. Tal como no passado, por vezes passavam fome. Dificilmente tinham acesso a tratamento médico, ainda que a família apresentasse problemas psiquiátricos e clínicos. Dina, sua mulher, tem transtorno de pânico, vertigens, asma e não consegue cuidar adequadamente dos filhos, que apresentam patologias somáticas e psíquicas.

A falta de reação aparecia também nos afetos. Quando perguntado o que sentia pelo KV, respondeu: “nada”, e sem mudar a tonalidade afetiva continuou, “já passou”. Perguntei sobre o sogro e o chapéu que utilizava. Ele me olhou como se eu tivesse me expressado em uma linguagem ininteligível, o que era verdade, pois ele não conhecia a linguagem das emoções. Disse, pouco depois: “e o que eu posso fazer? É o que tenho” – e o que me levou a questionar sobre o frágil vínculo com o dinamarquês. Embora permanecêssemos em silêncio, senti que ficara inquieto, conforme constatei no outro dia quando visitamos um templo. Mostrou-me uma sala que era destinada às pessoas que tinham “maus pensamentos”. Nela, as pessoas deveriam se encostar na parede e bater no peito para lembrar e expulsar aqueles maus pensamentos. Mostrou-me como se fazia, pediu que eu fizesse o gesto e tirou uma foto. Minutos depois, observei-o batendo fortemente no seu peito enquanto proferia aos gritos palavras que não conseguia entender, mas podia imaginar o que significava. Falou-me que era a primeira vez que estivera nesse local, ou seja, era a primeira vez que parecia experimentar sentimentos de alguma forma relacionados com o seu passado, e que precisava de uma cópia – a foto, pela falta de representações internas. Pensei que seu movimento poderia indicar que, de alguma forma estariam fracassando a desestima do afeto possibilitando estalidos de fúria. Ou que, esses estalidos de violência poderiam se dever à percepção do desamparo que experimentara. Ou ainda, a percepção do quanto estivera preso a mentiras alheias das quais o dinamarquês tinha sido uma exceção.

Essas impressões foram posteriormente confirmadas, quando, ao caminhar por outro templo do complexo de Angkor, Norum tomou a iniciativa e me mostrou o *linga*, que é um falo, símbolo da criação, da fonte de vida; é o símbolo de Xiva, enquanto princípio procriador. Só a sua dualidade com *yoni*, que representa o órgão genital feminino e serve de base ao *linga*, permite que passe

do inanimado à manifestação da vida. *Yoni* (matriz) é o altar, o receptáculo do sêmen, o umbigo do mundo aberto às possibilidades de manifestação da criação, do novo, do vínculo. Creio que não foi por acaso que ele tentou me explicar o linga. Senti que se referia ao vínculo que havia se criado entre nós.

Estávamos terminando a nossa jornada e ele procurou estendê-la ao nos convidar a conhecer algo fora do itinerário. O maior lago da Ásia – Tonle Sap – que, por sua beleza, pela visão da vida agitada da população ribeirinha e pelo magnífico pôr do sol, formava uma pintura que resumia os momentos agradáveis passados em Angkor Vat.

No final, contou que, na verdade, morava a cerca de 250 km da família em uma pocilga, nos fundos da casa de uma familiar, e que estava juntando dinheiro para conhecer o filho de um mês. Perguntei-lhe, uma vez que era bom em contas, de quanto precisava para voltar. Ele ficou quieto. No princípio pensei que se tratasse da reserva característica dos orientais. Logo percebi que ele não sabia de quanto precisava. Sua mente não conseguia qualificar a quantia necessária para voltar para sua casa, o que significaria afetos. No entanto, não pude deixar de considerar o seu esforço na busca de um vínculo, ainda que ambivalente, pois, na despedida, como exemplo, chamou-me de *King*, que também tinha o sentido de Deus, e por que não a origem de um novo déspota em sua vida? Disse-lhe que, como eu era apenas um médico, acreditava, feito seu amigo dinamarquês, naquilo que se podia conquistar em consonância com a realidade.

Norum ficou surpreso quando eu lhe agradei pelo muito que aprendera com ele, mais além dos locais turísticos. Talvez esperasse apenas uma gorjeta ou um maltrato com o qual estava acostumado. Agradeceu a companhia e partiu.

Nunca saberei o que tinha de verdadeiro ou falso em sua atitude, mas fiquei com a impressão de que Norum estava menos apático, mais alegre, mais conectado com a realidade pela experiência empática que experimentamos. Isso ficou evidenciado quando olhava, com alegria, o prazer com que desfrutávamos a beleza que nos proporcionara. Pelo menos, foi essa a última impressão que guardei na memória.

Comentários finais

Parece evidente que a história de Norum confunde-se com a história do Camboja em seu ciclo de horror: desvalimento, morte e a presença de figuras despóticas que arrasaram a mente e o corpo da população em uma espécie de estatização do desvalimento. Por isso, parece-me lógico pensar que, ao lhe perguntar sobre o boné e o sogro, ele tenha respondido ser apenas aquilo que

possuía – o horror.

A etapa evolutiva em que se cria o cenário do desvalimento, seja do indivíduo, do casal, da família, seja, talvez, dos povos, é aquela que se considera como do surgimento da vida, a partir do encontro entre um substrato neuroquímico, o recém-nascido, e um mundo extracorporal, a mãe e sua capacidade de receber, conter e entender as necessidades do bebê. Quando não existe empatia, a figura materna inscreve-se na mente da criança como um interlocutor arbitrário que se opõe à realidade e à manifestação dos afetos. Essas mesmas condições podem ocorrer em situações traumáticas, como as que mencionamos ao longo do trabalho, gerando estados de desvalimento e a criação de figuras despóticas internas ou externas, que terminam por arrasar a mente dos indivíduos, transformando-a em uma folha de papel em branco, quando não destroem a própria vida dos que se submetem a eles.

Maldavsky (1996, p. 71), referindo-se à dinâmica familiar, sustenta que:

... a isto devemos agregar como ponto essencial, o fato de que os integrantes da família supõem-se dominados por um déspota louco, imprevisível e carente de empatia, que não vacilaria em irromper no seu interior para promover estados de caos e destruir o que se apresenta familiar. Tal personagem psicótico, pode se colocar nos ancestrais do pai ou da mãe da família, pode localizar-se também no dono da empresa onde o indivíduo trabalha, ou em um irmão, ou uma tia, com o qual se dá um vínculo violento. Frequentemente os fatos se desenvolvem de maneira tal que esse interlocutor poderoso e louco retorna no seio da mesma família, sobretudo nos atos e nas palavras de alguns filhos, transformado em agente do trauma. É que a vigência de tal personagem na organização da vida familiar é necessária e não contingente ... pela falta de um elemento estruturante.

O domínio desse objeto em função das falhas na organização da consciência originária torna o indivíduo desvitalizado, como ocorreu com Norum e com o povo do Camboja sob o domínio de Pol Pot. Convém lembrar que sua ascensão foi o resultado de uma sangrenta guerra civil que o Camboja mergulhou por quatro anos, sem que a população encontrasse algum líder, representante da mãe e/ou do pai, que pudesse detê-la. Seguindo Maldavsky, poder-se-ia pensar em Pol Pot e seus seguidores – filhos – como um objeto necessário transformado em agente da tragédia desse povo desamparado. A longa agonia só seria interrompida com a intervenção de um país que tinha em Ho Chi Minh o objeto estruturante que faltou ao Camboja, ou como o dinamarquês, que tingiu de vida a triste história de Norum, representante do povo do Camboja que sofre ainda hoje os efeitos mentais e corporais do trauma sofrido há 50 anos.

The helplessness of the Cambodian people through an emotional experience and its relation with the psychosomatics

Abstracts: From an experience with a Cambodian Guide, the author examines in the light of the theory of helplessness, the effect of the genocide that occurred in that country with the rise of a despotic leader. Maintains that the loss of the subjectivity of the Cambodian people has, in addition to the mass murder, serious bodily and emotional effects not only on individuals in particular, but in general people. Finally, as corroboration of these facts, the positive effect of the bond empathic that settled between the Guide and the author.

Keywords: Genocide. Helplessness. Psychoanalysis. Psychosomatics.

Referências

Freud, S. (1996a). As neuropsicoses de defesa. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894)

Freud, S. (1996b). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895 [1894b])

Freud, S. (1996c). A propósito das críticas às “neuroses de angústia”. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895b)

Freud, S. (1996d). A etiologia das neuroses. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896a)

Freud, S. (1996e). Notas adicionais sobre as psiconeuroses de defesa. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896b)

Freud, S. (1996f). Projeto para uma psicologia científica. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895a])

Kiernan, B. (2002). *The Pol Pot regime: Politics, race and genocide in Cambodia under the Khmer Rouge, 1975-1979* (2a ed.). New Haven: Yale University Press.

- Liberman, D. (1982a). *Del cuerpo al símbolo: Sobreadaptación y enfermedad psicosomática*. Buenos Aires. Kargieman.
- Liberman, D. et al (1982b). Sobreadaptación, trastornos psicosomáticos y estados tempranos del desarrollo. In *Revista de Psicoanálisis*, 39, 845-853.
- Maldavsky, D. (1992). *Teoría y clínica de los procesos tóxicos*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Maldavsky, D. (1995). *Pesadillas en vigilia. Sobre neurosis tóxicas y traumáticas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Maldavsky, D. (1996) *Linajes abúlicos*. Buenos Aires: Paidós.
- Maldavsky, D. (1998). *Casos atípicos. Cuerpos marcados por delirios y números*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Maldavsky, D. (2000). *Lenguaje, pulsiones, defensas*. Buenos Aires: Bueva Vision.
- Maldavsky, D. (2004). *La investigación psicoanalítica del lenguaje*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Power. S. (2004). *Genocídio*. São Paulo: Companhia das Letras.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 04/04/2018

Aceito em: 16/04/2018

Gildo Katz
Rua Mariante, 288/1208
90430-180 – Porto Alegre – RS
E-mail: gildokatz@gmail.com